



## **A relação do público universitário com a internet e a sua influência nos hábitos de leitura.<sup>1</sup>**

Celso Rogério Klammer<sup>2</sup>  
Beatriz Sawes de Campos<sup>3</sup>  
Thiago Tavarnaro<sup>4</sup>

Universidade Positivo – Curitiba, PR

### **Resumo**

O presente trabalho destaca a relação dos hábitos de leitura dos jovens universitários com as novas tecnologias da informação. Para tanto, procurou-se refletir sobre a escrita desde o seu surgimento e as funções atribuídas à leitura no decorrer da história. Por meio de pesquisa de campo com universitários do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, de uma universidade particular, observou-se que o suporte da tecnologia digital está cada vez mais presente no contexto cultural contemporâneo e, por esta razão, uma análise dos novos hábitos de leitura foi proposta, em decorrência do acesso à Internet na sociedade atual.

**Palavras-chave:** leitura, escrita, sociedade, internet.

### **Introdução**

Observa-se hoje, que a formação educacional está se moldando para incorporar as novas tecnologias da informação e que os universitários interagem cada vez mais com as ferramentas digitais. A principal delas é a Internet.

Neste trabalho analisa-se o hábito de leitura e o acesso à internet pelos jovens universitários de uma determinada instituição de ensino superior. Para tanto foi preciso reconstruir as diversas maneiras de ler que caracterizaram as sociedades até hoje.

Acredita-se que a prática da leitura é uma história dos objetos escritos e, conseqüentemente, uma história das transformações culturais e sociais que ocorreram desde os primeiros sinais de comunicação nas cavernas.

Dentro de uma mesma sociedade encontram-se diversas comunidades de leitores que lêem de formas diferentes, que não partilham das mesmas técnicas intelectuais, que não mantêm uma mesma relação com o escrito e que atribuem valores desiguais a um gesto aparentemente idêntico: ler um texto.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela PUC-PR. Mestre em Educação pela UFPR. Professor e Coordenador de TCC nos cursos de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e Pedagogia. [crk@up.edu.br](mailto:crk@up.edu.br)

<sup>3</sup> Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. - email: [biasawae@gmail.com](mailto:biasawae@gmail.com)

<sup>4</sup> Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. email: [thi.tavarnaro@hotmail.com](mailto:thi.tavarnaro@hotmail.com)



Por isso, este trabalho foi estruturado de modo que fossem levantadas as significações, os instrumentos e as tradições da leitura e as circunstâncias em que os textos foram recebidos e apropriados pelos leitores, para entender como se dá a leitura entre os jovens universitários.

Neste sentido pergunta-se, a Internet pode influenciar o hábito de leitura dos jovens universitários?

Com o objetivo de descobrir o poder da nova linguagem criada por este meio tão revolucionário em seu imediatismo, síntese, conteúdo e interatividade, pretende-se esclarecer a influência que este meio pode exercer na leitura, tendo como base as relações sociais, políticas e educacionais da sociedade contemporânea.

### **Marco teórico**

Para uma melhor interpretação e análise do cenário da escrita e da leitura na sociedade contemporânea, buscou-se, primeiramente, com base na história da escrita, analisar as relações que o ser humano vem construindo com a escrita e com a leitura, desde o surgimento das primeiras formas de comunicação nas cavernas até os dias de hoje, a fim de verificar a influência que estas atividades exerceram no cotidiano de cada sociedade.

Nas comunidades primitivas, caracterizadas como igualitárias, surge a escrita pictórica, representação, por meio de desenhos, de figuras de animais, plantas, homens entre outros.

Observa-se que a escrita surgiu em várias sociedades em momentos diferentes e cumprindo, muitas vezes, funções distintas. Isso se deve, em partes, porque a escrita, em cada lugar que surgiu, originou-se de uma necessidade específica, como por exemplo, os egípcios que, segundo Fisher (2006), a desenvolveram por dois motivos principais: atenção dada na realização das cerimônias fúnebres e a manutenção da ideologia e do poder dos faraós. Já os sumérios chegaram à escrita devido ao desenvolvimento político e comercial. Como bem afirma Giovannini (1987, p. 29):

Chegou-se à escrita por razões essencialmente econômicas. Os produtos da terra eram postos em circulação e uma grande parte deles acabava como tributo ao deus da cidade. Portanto, eis que surge a necessidade de um sistema de controle e de contabilidade, que foi gerenciado pela poderosa casta dos sacerdotes.



Neste sentido, pode-se afirmar que, com o surgimento da propriedade privada, poucos tinham acesso à leitura devido ao fato de a escrita ser restrita a assuntos comerciais e políticos. Além disso, os sumérios contavam com um sistema bastante complexo de sinais polivalentes da escrita cuneiforme, o que acarretava em anos de estudo até o domínio completo da língua. De acordo com Fisher (2006) estima-se que em 2000 a.C. em Ur, maior metrópole da região mesopotâmica, apenas um a cada 100 habitantes sabia ler e escrever.

Para desempenhar tais funções existia a figura do escriba, indivíduos que aprendiam a ler e escrever, supostamente para assumir as responsabilidades dentro da família, mas que invariavelmente recebiam permissão para se tornar escribas profissionais (FISCHER, 2006).

A posição social que os escribas ocupavam dentro da sociedade lhes dava status e regalias. Segundo Giovannini (1987), essa condição fez com que a escrita suméria permanecesse bastante complexa por muito tempo, por desejo dos escribas de permanecerem numa classe privilegiada dentro da sociedade.

A escrita revolucionou as relações humanas, e não ficou restrita aos sumérios. Várias civilizações como os egípcios, os maias, as do Indo, as do rio Amarelo entre outras, desenvolveram sua própria escrita.

Mesmo nas sociedades mais desenvolvidas, de acordo com Fischer (2006), a escrita ainda era vista como registro de informações já decoradas, sem a função de informar, mas sim de oferecer um suporte à palavra falada. A palavra oral tinha um poder muito grande dentro destas sociedades e as pessoas não viam importância e nem tinham interesse em aprender a ler, pois esta só registrava aquilo que todos já tinham conhecimento.

Portanto, era a oralidade e não a leitura e a escrita, que regia a sociedade antiga. Também os gregos e os romanos empregavam a escrita de forma generalizada, mas mesmo assim prevalecia o uso da palavra falada.

Sócrates por exemplo, repudiou por completo a escrita. Para entender o repúdio que Sócrates alimentava em relação à comunicação escrita, é preciso entender a forma como ela existia na sociedade grega durante seu período. Fischer (2006) destaca a posição de Sócrates, lembrando como a escrita era primitiva, além de conservar um formato que prejudicava a comunicação pelo seu caráter ambíguo, que deixava margens para duplas interpretações.



A habilidade de ler e de escrever com objetivo de registrar contas, acompanhar eleições, trocar correspondências, entre outras atividades, eram bastante comuns no cotidiano dos gregos. Mas a leitura e a escrita ainda não podiam ser consideradas atividades comuns a todos. “A sociedade letrada ainda demoraria quase dois mil anos para se formar”. (FISCHER, 2006 p.88)

Nota-se que até atingir a leitura em sua forma atual, o indivíduo desenvolveu diversos modos de linguagem e comunicação. A leitura como se tem hoje surgiu quando se começou a interpretar um sinal pelo seu valor sonoro isoladamente em um sistema padronizado de sinais limitados. Então, a leitura evolui no sentido em que deixava de ser uma transferência um a um (objeto para palavra), para se tornar uma seqüência lógica de sons que recriasse uma linguagem natural humana.

A escrita apenas se popularizou com o advento da imprensa, criada por Gutenberg no ano de 1450. Esta tecnologia proporcionou o barateamento e um maior acesso às obras. Juntamente com esta inovação, a visão humanista transformou o ato de leitura em uma atividade individual e de interpretação pessoal – o hábito medieval de ter comentários nas margens nos livros ou entre as linhas para guiar o leitor a uma única interpretação foi abandonado – agora não deve existir ninguém ente o autor e o leitor.

Com a prática da impressão gráfica, como afirmam Briggs e Burke (2006), foram produzidos cerca de treze milhões de livros até o ano de 1500 para uma Europa com cem milhões de habitantes.

Neste sentido pode-se afirmar que a imprensa contribui para profundas transformações na Europa ocidental. Como bem afirmou Francis Bacon, referindo-se a invenção da imprensa, da pólvora e da bússola, foi esse trio que “mudou todo o estado e a face das coisas em todo o mundo” (In: BRIGGS; BURKE, p. 26).

Estas mudanças que proporcionaram a popularização da leitura contribuíram também para que uma maior importância fosse dada a esta atividade. As palavras escritas passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Cartazes, jornais e revistas acabavam por influenciar, inclusive, a vida dos analfabetos que buscavam interpretar as mensagens por meio das ilustrações. Como bem afirma Chatier (1999, p. 35):

Há uma presença do escrito impresso, que cria condições de presença de uma cultura do empréstimo, mesmo para os analfabetos, que contam aí com mediações para poder estabelecer uma relação com esta cultura impressa: mediação da leitura coletiva em voz alta, mediação de um deciframento do texto a partir de uma imagem, quando existe uma no início do texto, e outras.



Com a Primeira Revolução Industrial a educação ganha importância dentro de uma sociedade burguesa e capitalista. A educação é vista agora como um meio de ascensão social e torna-se fundamental na formação de trabalhadores. Esta sociedade racional, urbana e industrial passa a valorizar a cultura do impresso, tornando válida apenas a informação escrita. Este pensamento caracteriza a formação da sociedade contratualista que persiste até os dias de hoje.

Contudo, pode-se afirmar que o acesso à escrita ainda não era uma exigência à grande massa populacional, especialmente aos trabalhadores de chão de fábrica. A esses cabia decodificar mecanicamente o sentido de letras e palavras e o desempenho de tarefas meramente manuais. Sua formação limitava-se ao domínio de conhecimentos básicos sobre leitura, escrita e cálculo, que lhes garantissem as ações repetitivas de seu fazer profissional.

Por esta vertente de análise, é possível identificar, ao longo da História, muitas revoluções que caracterizaram mudanças nas estruturas organizacionais das sociedades e que, por sua vez, proporcionaram a formação de novos pensamentos, valores, atitudes e ambições.

Analisando a história, percebe-se que as suas mudanças geram uma necessidade de adaptação social, organizacional, política e cultural. Os primitivos com sua magia, os sumérios com o comércio, a imprensa, a Revolução Industrial, tudo isso revela que os indivíduos atribuíram à escrita uma função que supria as necessidades do contexto histórico do seu tempo. Neste sentido, pretende-se identificar a função exercida pela escrita e leitura na sociedade contemporânea.

Hoje, acredita-se que há inúmeras transformações marcadas, principalmente, pelo avanço científico e tecnológico. Além disso, a globalização da sociedade desempenha um papel fundamental neste processo, intensificando a relação entre países e pessoas, facilitando a reaproximação das sociedades, separadas tanto geograficamente, quanto tecnologicamente e, simplificando, ainda mais o acesso à informação. Como afirma Ianni (2001, p. 35)

O mundo mudou muito ao longo do século XX. Não é mais apenas uma coleção de países agrários ou industrializados, pobres ou ricos, colônias ou metrópoles, dependentes ou dominantes, arcaicos ou modernos. A partir da Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se um amplo processo de mundialização de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração. Aos poucos,



todas as esferas da vida social, coletiva e individual são alcançadas pelos problemas e dilemas da globalização.

Schaff (1995) defende que, boa parte das mudanças estruturais ocorridas com o passar dos séculos, se dá a partir de revoluções. Ele caracteriza e estabelece uma relação entre as conseqüências da Revolução Industrial, e o cenário social atual. Afirma que, tendo em vista o que se vivencia atualmente, há a substituição da força física e da capacidade intelectual humana pelas máquinas, pelo progresso tecnológico.

Podemos, todavia, chamar de revolução a este conjunto de fatos conhecidos e muitas vezes profundamente radicados em nossa consciência? Não há dúvida que sim. Trata-se da segunda revolução técnico-industrial. A primeira, que pode ser situada entre o final do século XVIII e o início do século XIX e cujas transformações ninguém hesita hoje em chamar de *revolução*, teve o grande mérito de substituir na produção a força *física* do homem pela energia das máquinas [...] A segunda revolução, que estamos assistindo agora, consiste em que as capacidades intelectuais do homem são ampliadas e inclusive substituídas por autômatos, que eliminam com êxito crescente o trabalho humano na produção e nos serviços. (SCHAFF, 1995 p. 22)

Sevcenko (2001) destaca também a revolução tecnológica ocorrida em meados dos anos de 1970 e 1980, caracterizada como uma época de crescimento econômico vertiginoso, que vem como um divisor de águas entre a importância da leitura, da escrita e de seus hábitos – anteriores a esse período – e a sua importância nos dias de hoje.

Sendo assim, pode-se afirmar que as transformações vividas no mundo contemporâneo, resultantes das tecnologias da informação, invadem o cotidiano dos seres humanos.

O acesso ao grande universo de informações reformula as regras de convivência, gera novos hábitos e formas de pensar e agir, além de traçar um novo perfil de profissional com maior escolaridade e cultura mais sofisticada.

Neste contexto, mudam o processo de aprendizagem e de interação social, ou seja, não há somente uma mudança tecnológica, mas também uma transformação na organização e interação dos homens e mulheres. Assim sendo, entende-se que novas questões se colocam para forma como os indivíduos têm acesso à leitura e como dela se apropriam.

Por esta vertente de análise, Soares (2006, p.25) observa que:



O avanço tecnológico que atingiu a sociedade nas últimas décadas no mundo e no Brasil caracteriza a mudança de comportamento nas relações interpessoais e do mundo do trabalho alterado em seus processos, incorporando novas rotinas e exigindo uma nova comunicação entre as pessoas e as atividades que as integram, refletindo novas relações de conhecimento individual e coletivo.

Tedesco (1998, p.19) também chama a atenção para o fato de que “as mudanças na sociedade atual estão intimamente vinculadas às novas tecnologias da informação. Essas tecnologias têm um impacto significativo não só na produção de bens e serviços, mas também no conjunto das relações sociais”.

Considerando estas abordagens sobre as transformações da sociedade contemporânea, pode-se afirmar que o conceito de leitura foi ampliado. Hoje não se considera a leitura como pura decodificação de palavras escritas, mas como o pleno entendimento da visão de mundo e de sua realidade. Acredita-se que a principal mudança nas últimas duas décadas é da maneira que se lê.

Em síntese, como afirma Luckesi (2001) a leitura, para ser considerada leitura, deve funcionar como instrumento de comunicação e de ligação entre um “antes” e um “depois”. Deve representar um “antes”, pois há uma realidade que ela quer expressar e dentro da qual ela deve estar imersa. E “um depois”, porque deve levar o sujeito à reflexão, a um conhecimento mais profundo da sua relação com o mundo, da sua própria realidade.

Liguori (1997) é clara quando afirma que entre outros fatores, as novas tecnologias da informação e da comunicação possibilitaram o desenvolvimento acelerado do conhecimento na sociedade contemporânea. A nova organização social, seja ela educacional ou do trabalho, se deve ao aumento significativo do conhecimento e, por consequência, ao seu acesso cada vez mais rápido e fácil.

Neste sentido pode-se afirmar que quando se pensa na rapidez e na facilidade de acesso a conteúdos informativos, logo se associa à Internet como ferramenta indispensável no processo. Assim, a Internet e as demais formas de tecnologia da informação e da comunicação estão redefinindo, quase que constantemente, a natureza do alfabetismo e do acesso ao conhecimento e à informação na sociedade.

A expansão das tecnologias digitais trouxe a interatividade, a interconexão e a inter-relação entre os indivíduos, informações e imagens. Tal interação é consequência da disseminação da Internet, que contribui para o surgimento de novos hábitos entre pessoas por todo o mundo. São visíveis as transformações na esfera do



trabalho, da educação, do entretenimento e da comunicação. O cenário de consumo de informação, por exemplo, é caracterizado por um novo leitor que consulta vários sites de notícias, atento a resumos e imagens. “Com o ciberespaço, pela primeira vez se passou a compreender o que é exatamente estar diante de milhões de dados a nosso dispor, e, assim, entendeu-se o quão paradoxal é essa situação”. (COSTA, 2003 p. 10)

Com todas estas inovações tecnológicas, cada dia mais presentes no cotidiano das pessoas, o questionamento que se levanta é: qual será o futuro do livro? De acordo com Chartier (2002) pode se afirmar que o livro em seu formato tradicional sofre um período de grandes transformações e incertezas. Antes instrumentos essenciais para conservação e transmissão de conhecimento, os livros hoje têm sua posição ameaçada por novos formatos que surgem tanto na prática da escrita quanto da leitura, fruto de intensos avanços tecnológicos.

Adotando uma posição nada otimista em relação ao quadro atual do livro tradicional, porém, mantendo um grau de realismo, Chartier resume seu ponto de vista: “[...] o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas de livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica”. (CHARTIER, 2002 p.107)

O autor não vê como imediatas as transformações em relação às formas de comunicação existentes atualmente, prevendo a coexistência dessas formas de escrita por mais algum tempo caracterizando um período gradativo de mudanças.

Para Levy (2000) há menos de duas décadas, seria difícil convencer alguém da possibilidade de estar conectado a tudo e a todos por meio de um computador e de uma conexão telefônica comum. Hoje esse acesso, além de possível, é extremamente fácil.

O referido pesquisador ainda destaca a grande vantagem da Internet: diferentemente dos demais meios de comunicação que são passivos, ela é um instrumento de troca, de produção e de estocagem de informações, ou seja, um canal para qualquer pessoa que queira se expressar por meio de ferramentas como e-mails, bate-papo, fóruns, pesquisas e blogs.

Contrariando a proposta tradicional dos livros em que o indivíduo por si só compõe uma obra, a Internet permite, por exemplo, que um número indefinido de pessoas comuns participe da criação de uma enciclopédia, como é o caso do Wikipédia.



O ritmo acelerado em que a sociedade atual está inserida, conforme afirma Chartier (2002), influencia diretamente os hábitos sócio-culturais de um indivíduo. A prática da leitura, como em outras atividades, se enquadra nessa mudança. Existe a necessidade de se obter informações mais diretas e, como consequência, surge uma imensa demanda por novos formatos de textos, mais dinâmicos, atendida pela Internet. A Internet oferece a praticidade de se buscar diferentes sites simultaneamente, e de forma dinâmica, para alcançar um número quase infinito de resultados para uma mesma pesquisa, contrastando com o livro, sempre dentro de uma estrutura linear, com uma única abordagem sobre o assunto.

Dentro deste tema de novas tecnologias e novos hábitos de leitura, Santaella (2001) afirma que há uma grande distinção no que se diz respeito aos hábitos de um receptor de uma hipermídia – ou usuário, como costuma a ser chamado. Esse receptor coloca em ação habilidades de leitura muito diferentes daquelas empregadas pelo leitor de um texto impresso como o livro, por exemplo, e daquelas empregadas pelo receptor de imagens ou o espectador de cinema e televisão.

Para Santaella (2001), no âmbito dos livros, dos textos impressos e do meio digital, há três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo.

O leitor contemplativo é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis como os livros. Há a concepção do leitor que contempla e medita, não impõe barreiras temporais para a leitura, e entende que, embora a leitura da escrita de um livro seja seqüencial, a solidez deste objeto permite idas e vindas, retornos e outras significações.

O leitor movente é aquele imerso em uma sociedade que cresce no ritmo das novidades e das constantes mudanças diárias, “nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. [...] É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas.” (SANTAELLA, 2001 p.29)

Já o leitor imersivo não é mais um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos e materiais; trata-se de um leitor que navega numa tela, programando suas próprias leituras.

Com o advento do meio digital, como ferramenta de acesso a conteúdos informativos, nota-se o surgimento dos hipertextos: um texto digital não necessita mais ser lido de forma linear, como ocorre nas leituras de textos impressos. Os hipertextos, por intermédio de suas interligações, permitem que o leitor elabore sua



própria estratégia de leitura, percorrendo o caminho que achar mais conveniente às suas necessidades. (BELLEI, 2002)

Durante o trajeto histórico: a invenção da escrita, pelos sumérios; difusão da leitura; a criação da imprensa, por Gutemberg; surgem padrões que aproximam sob o ponto de vista da escrita e da leitura. O aparecimento da necessidade por novos formatos de comunicação, a utilização de novas tecnologias para suprir essa necessidade e, finalmente, a revolução originada por esses novos adventos.

Para este estudo, que busca conhecer a relação do jovem universitário com a internet e seus hábitos de leitura, é preciso entender o processo de construção dos hábitos de leitura ao longo da história, principalmente as transformações da sociedade atual, marcada pelas tecnologias da informação e da comunicação.

### **Metodologia**

Para buscar esclarecimento sobre o assunto, investigou-se entre os alunos de primeiro e quarto ano do curso de Publicidade e Propaganda de uma determinada universidade particular, seus hábitos de leitura e acesso a Internet. Para tanto, foi realizada uma pesquisa, usando como instrumentos o questionário e a entrevista.

Este estudo foi restrito aos estudantes do primeiro e último ano do referido curso para se verificar a relação dos universitários com a leitura na trajetória universitária. Além disso, a referida instituição foi selecionada devido a prática comum de todos os professores, por medida compulsória, estabelecer a leitura de um livro por bimestre.

O questionário foi aplicado ao universo de jovens universitários do primeiro e quarto ano somando um total de cento e cinquenta questionários com uma margem de erro correspondente a 5,65%. No referido instrumento procurou-se identificar o perfil dos estudantes, o hábito de leitura, o interesse pela cultura e conhecimento e acesso a Internet.

A entrevista foi aplicada a uma amostra que representa 20% do universo, somando um total de trinta entrevistas analisadas, com o objetivo de aprofundar e validar os dados obtidos com o questionário.

Por meio do questionário aplicado durante a primeira fase da pesquisa, foi possível identificar um perfil do jovem universitário: 49,3% dos jovens trabalham e, destes, 63,5% atuam na área de publicidade. Em sua maioria, dispõem apenas dos finais de semana para o lazer. 30% gastam com lazer de R\$ 50 a R\$ 100, 86% costumam



acessar a Internet em casa; 45,3% gastam, em média, de 1 a 3 horas na Internet; 84,7% gostam de ler e 29,3% lêem mais de 10 livros por ano.

Além disso, constatou-se que 96% têm acesso à Internet. O alto índice de utilização da Internet pode ser justificado pela quase totalidade dos respondentes afirmarem que possuem computador em casa (98% responderam que possuem computador pessoal).

No que diz respeito ao uso da internet, foram questionados sobre os sites que mais acessam. Em primeiro lugar destacam-se os sites relacionados a entretenimento, com 48%. Em segundo lugar, os sites informativos, com 31,3%. E em terceiro os sites relacionados à profissão com, 42%.

Na entrevista, esta questão foi novamente explorada a fim de investigar o que o jovem busca prioritariamente quando acessa a Internet. As respostas referendaram o que já havia sido constatado nos questionários. Dos entrevistados, 48% alegaram buscar, exclusivamente, entretenimento; 36% revelaram utilizar a rede para entretenimento e para informação e somente 16% dos entrevistados alegaram utilizar a rede, exclusivamente, para informação.

Na tentativa de se investigar até que ponto há uma relação entre o lazer, o uso da internet e a leitura, constatou-se que 50% dos entrevistados usam a internet como forma de lazer. Neste caso verifica-se a utilização dessa ferramenta para o entretenimento. Quanto a leitura de livros, foi apontada por apenas 20%. “Ir a shows”, “praticar esportes”, “assistir televisão”, “sair para dançar”, “navegar na Internet” e “ir ao cinema” tiveram mais expressão que a leitura.

A Internet é uma ferramenta que possibilita fácil acesso à informação de forma rápida e prática. Acredita-se que isso contribui para que 58% dos alunos que responderam à pesquisa alegassem que a Internet é a fonte de pesquisa mais utilizada na realização de um trabalho acadêmico. Entretanto, 39% ainda prefere imprimir o texto virtual porque a “leitura digital cansa”.

A maioria dos entrevistados aponta um fator que favorece à imagem de que o acesso ao livro é restrito, já que 64% deles consideram-no caro. Enquanto 30% dos entrevistados alegaram que um dos motivos por não comprarem livros é porque emprestam da biblioteca.



Ianni (2001) afirma que a Internet favorece a uma reaproximação das pessoas. Sites e programas como Orkut<sup>5</sup> e MSN Messenger<sup>2</sup>, por exemplo, facilitam a comunicação entre os seus usuários, onde quer que eles se encontrem. Nas entrevistas foi averiguado que estes sites são os mais utilizados pelos jovens. Depoimentos como “Fico uns 20 minutos”. “Entro no Orkut e no meu e-mail entre 2 e 3 horas”. “Fico no Orkut, no Msn, Youtube, e-mail, Google...” revelam que estes sites são os mais visitados entre os jovens inclusive para a realização dos trabalhos acadêmicos, como o MSN.

De acordo com Santaella (2001), o leitor pode ser definido em contemplativo, movente e imersivo. O universitário está entre o perfil movente e imersivo, já que 96% deles têm acesso à Internet, ou seja, navega na tela do computador, selecionando a sua leitura.

### **Considerações Finais**

A nossa proposta de estudo foi investigar os hábitos de leitura dos jovens universitários e sua relação com a Internet. Embora tenhamos levantado e detectado algumas questões relevantes, há aspectos que precisam de outras investigações e aprofundamento.

No entanto, toda pesquisa precisa conter suas considerações finais. Mesmo que não se trate de conclusões definitivas, é indispensável admitirmos que todo trabalho possui o momento de fechamento.

Definir exatamente este momento é uma tarefa difícil, pois quanto mais analisamos todos os elementos da pesquisa, mais incompleta ela nos parece.

Por isso, optamos em não dá-la por concluída, mas fazermos deste fechamento um momento de pausa para a reflexão no sentido da origem do termo, que vem do verbo latino “*reflectare*” que significa “voltar atrás”, “fazer retroceder”. Neste sentido, entendemos a reflexão como um movimento de retorno, pelo qual o pensamento volta-se a si mesmo interrogando-se, podendo, então, tecer algumas considerações.

Assim, à guisa de conclusão, queremos refletir que toda sociedade, em épocas diferentes, tem formas próprias de expressar sua cultura e de manifestar também a forma como os indivíduos se organizam, se relacionam, produzem, difundem o

---

<sup>1</sup> Orkut --ferramenta ligada ao "império" Google, em [www.orkut.com](http://www.orkut.com), é um site de relacionamentos que permite que o internauta tenha sempre, a um clique do mouse, uma lista de amigos e comunidades com perfis semelhantes.

<sup>2</sup> O MSN Messenger é um dos softwares de mensagens instantâneas



conhecimento e, particularmente, se relacionam com a leitura. Por este viés, destacamos três aspectos que consideramos fundamentais em nossa pesquisa.

No primeiro aspecto, depreendemos das nossas análises dois momentos no que diz respeito ao processo de acesso e importância da leitura e escrita:

O primeiro refere-se ao indivíduo primitivo que ao passar a viver em sociedade, sentiu necessidade de se comunicar. Nesta época, foram atribuídos valores mágicos às representações pictóricas. A partir de então, foi possível observar uma evolução paralela entre o ser humano e a comunicação escrita, na medida em que novas técnicas surgiam e possibilitavam formatos inovadores de se disseminar essa cultura. Destacamos que esse período histórico caracteriza-se, fundamentalmente como comunidades igualitárias em que a produção material e cultural eram vividas coletivamente e representavam, na sua forma pictórica, as necessidades de todos os membros do grupo.

O segundo momento, com o surgimento da propriedade privada, a escrita e a leitura são domínio de poucos que registram as necessidades do seu tempo, especialmente econômicas. Porém, não mais os interesses de todos os indivíduos do grupo. Mesmo com a Revolução Industrial no século XVIII, que contribuiu para a popularização e importância da prática da escrita e leitura, ainda assim, não era uma exigência à grande massa populacional. A esse contingente bastava decodificar mecanicamente o sentido de letras e palavras pois desempenhavam tarefas meramente manuais.

No segundo aspecto, verificamos que o avanço científico e tecnológico da sociedade contemporânea, especialmente a partir dos anos de 1970, facilita o acesso a um grande universo de informações, reformula as regras de convivência, gera novos hábitos e formas de pensar e agir, além de traçar um novo perfil de profissional com maior escolaridade e cultura mais sofisticada.

Neste contexto, acreditamos que mudam o processo de aprendizagem e de interação social, ou seja, não há somente uma mudança tecnológica, mas também uma transformação na organização e interação dos homens e mulheres. Assim sendo, entende-se que novas questões se colocam para forma como os indivíduos têm acesso à leitura e como dela se apropriam.

Sendo assim, entendemos que a escrita e a leitura tornaram-se ferramentas indispensáveis para grande parte da sociedade. Neste sentido chegamos a um novo



estágio, quando ler ganha novo significado. Nessa fase, analisa-se a leitura não mais por reconhecer símbolos, frases e textos, e sim por buscar um significado além do que está escrito. A escrita/leitura passa a ter uma função subjetiva, não apenas transmitindo o que se vê, mas abrindo oportunidades para novas formas de se interpretar o que está registrado, retratando o indivíduo idealizado da sociedade moderna, capaz de ampliar a visão do que já é sabido apenas pelo que já está escrito.

E, finalmente, no terceiro aspecto destacamos que a expansão das tecnologias digitais trouxe a interatividade, a interconexão e a inter-relação entre os indivíduos, informações e imagens. Tal interação é consequência da disseminação da Internet, que contribui para o surgimento de novos hábitos entre pessoas por todo o mundo. Como nossa pesquisa de campo revelou, ela é um instrumento de troca, de produção e de apropriação de informações que permite ao estudante universitário se expressar por meio de ferramentas como e-mails, bate-papo, fóruns e blogs tanto em nível pessoal como para a realização dos seus trabalhos acadêmicos.

Por este viés de análise, podemos afirmar que o imediatismo e o dinamismo que caracterizam a sociedade contemporânea, e particularmente o acesso, transformam a linguagem e, por consequência direta ou indireta, o hábito de leitura. Dessa forma, o leitor passa a ser responsável por seu conteúdo, podendo manipular e formar seus próprios textos e conclusões pela liberdade que o meio possibilita.

Contudo, consideramos relevante destacar que há a coexistência de diferentes modos de ler e de interagir com o conhecimento. É por isso que o jovem universitário continua buscando informação tanto no texto escrito, como no meio digital implicando numa nova forma de aprendizado que amplia as possibilidades de uso das ferramentas para que desenvolva sua capacidade de se comunicar por meio da palavra.

É importante ressaltar que as considerações finais dessa etapa não significam as únicas conclusões possíveis dentro deste assunto, já que observamos uma transformação constante na comunicação e identificam-se, a todo momento, novos questionamentos sobre a relação dos hábitos de leitura do jovem com as novas tecnologias de difusão do conhecimento.

## **Referências**

BELLEI, S. L. P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: EDUFSC, 2002.



BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução Claudia Freire. São Paulo: Unesp, 2006.

GIOVANINNI, Giovanni. **Evolução na comunicação: do sílex ao silício**. 4. ed. Tradução Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (Org.). **Para Navegar no século XXI** Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.

LUCKESI, Cipriano. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOARES, Suelly Galli. Tecnologias de informação e comunicação no Ensino Superior: desafios do projeto pedagógico. In: SOARES, Suelly Galli (Org.). **Cultura do desafio: gestão de tecnologias de informação e comunicação no ensino superior**. São Paulo: Alínea, 2006. p. 17-66.

TEDESCO, Juan carlos. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Ática, 1998.